

Scarlett Marton

A MORTE COMO
INSTANTE DE VIDA



PUCPRESS

Scarlett Marton

A MORTE COMO
INSTANTE DE VIDA

Curadoria da Coleção
Fabiano Incerti



PUCPRESS

Curitiba
2018

© 2018, Fabiano Incerti
2018, PUCPRESS

Este livro, na totalidade ou em parte, não podem ser reproduzidos por qualquer meio sem autorização expressa por escrito do Editor. As opiniões, hipóteses, conclusões ou recomendações emitidas neste material são de responsabilidade dos entrevistados.

Reitor

Waldemiro Gremski

Vice-reitor

Vidal Martins

Pró-reitor de Missão, Identidade e Extensão

Ir. Rogério Renato Mateucci

Diretor do Instituto

Ciência e Fé

Fabiano Incerti

Gerente de Identidade Institucional

José André de Azevedo

Curadoria da Coleção

Fabiano Incerti

Revisão Técnica

Douglas Borges Candido

Fabiano Incerti

José André de Azevedo

PUCPRESS

Coordenação

Michele Marcos de Oliveira

Editor

Marcelo Manduca

Editor de arte

Rafael Matta Carnasciali

Preparação de texto

Marcelo Manduca

Revisão

Camila Fernandes de Salvo

Projeto gráfico

Ana Paula Vicentin Ferrarini

Rafael Matta Carnasciali

Capa

Ana Paula Vicentin Ferrarini

Diagramação

PUCPRESS

Imagens de capa e miolo

Montagens à partir das imagens

Fotolia 214632708

Fotolia 236434648

PUCPRESS / Editora Universitária Champagnat

Rua Imaculada Conceição, 1155 - Prédio da Administração - 6º andar

Campus Curitiba - CEP 80215-901 - Curitiba / PR

Tel. (41) 3271-1701 | pucpress@pucpr.br

Dados da Catalogação na Publicação

Pontifícia Universidade Católica do Paraná

Sistema Integrado de Bibliotecas – SIBI/PUCPR

Biblioteca Central

Giovanna Carolina Massaneiro dos Santos – CRB 9/1911

M387m
2018 Marton, Scarlett Zerbetto
A morte como instante de vida / Scarlett Zerbetto Marton; curadoria
de Fabiano Incerti. – Curitiba: PUCPRESS, 2018.
40 p. ; 21 cm (Café filosófico, v. 3)

Inclui bibliografias

ISBN 978-85-54945-40-4

978-85-54945-39-8 (E-book)

1. Filosofia. 2. Morte. 3. Vida. I. Incerti, Fabiano.

18-027

CDD 20. ed. – 100

PREFÁCIO

MEMENTO MORI A vida, a morte, o sentido

Qualquer pessoa que pretenda pensar sobre o sentido da vida precisa enfrentar a questão da finitude humana. Isso porque, ao contrário do que parece, pensar a respeito da morte não conduz simplesmente ao desespero, mas à verdade mais essencial de nossa experiência no mundo: que estamos submetidos à temporalidade, ou seja, que somos finitos e, sobretudo, que diante da possibilidade do fim, resta viver com intensidade a vida que nos cabe, aqui e agora. A morte, assim, empurra para a vida, para as coisas que fazem sentido, para aquilo que enriquece e qualifica o tempo que nós temos, para as experiências duradouras e profundas que marcam cada instante. O contrário é uma vida pobre que se acredita inacabável, marcada pela procrastinação e pela irresponsabilidade. Quem não pensa sobre a morte, ou passa o tempo com medo dela ou, por esquecê-la, vive apaziguado na insensatez e na falta de rumo, sobrevoando superficialmente coisas e pessoas. Não se envolve, não se entrega, não se perde, não se acha – não vive.

Há quem não viva porque está sempre com medo da morte; e há quem não viva porque não pensa sobre ela e, assim, não se dá conta de que precisa contar os seus dias para fazer com que seus dias contem para si mesmo, conforme a sentença de Hans Jonas. Esses são dois exemplos de vidas pobres de mundo, ou seja, de vidas sem sentido. E só o pensamento da morte poderia, como num susto, acordar alguém que passa seus dias assim, entre temeroso ou alienado.

A morte, foi afirmado desde os antigos, é a musa da Filosofia. Isso porque a filosofia é a uma reflexão sobre a vida, sobre a melhor forma de vivê-la, sobre o sentido de cada um de nossos atos. E, assim, a Filosofia ensina que estar vivo é correr para a morte, porque a morte não é um acontecimento final, mas uma característica própria de tudo aquilo que vive. Em resumo, porque a morte vive conosco e porque corremos sobre ela como no dorso de um tigre, em direção ao fim que está sempre mais próximo, então ela nos inspira a olhar melhor a paisagem, prestar atenção nos caminhos, refletir melhor sobre as nossas escolhas. Quem pensa mais sobre a morte, aprende logo a pedir mais desculpas, a fazer as pazes, a buscar a simplicidade, a não deixar nenhum abraço para depois. Quem pensa sobre a proximidade da morte, dedica-se ao bem comum, aos afetos verdadeiros, às experiências de interioridade que beneficiam e celebram o principal. Quem pensa sobre a morte, foge do inútil, do inadequado, do indevido e do vão, para experimentar o que tem sentido pleno. Eis o que pretende o lema latino: *memento mori*, lembre-se que você é mortal.

Esse foi o motivo pelo qual o Instituto Ciência e Fé realizou o Café Filosófico com o tema do sentido da vida e convidou a professora Scarlett Marton para falar sobre a morte. Sua conferência, além de provocante e teoricamente densa, emocionou a todos/as os/as presentes. O texto, por isso, vem publicado nesse livro, como forma de oferenda: trata-se de partilhar com toda a comunidade acadêmica as reflexões de uma das mais importantes filósofas brasileiras, alguém que vem pesquisando e vivendo de perto muitos dos dilemas tratados no presente texto. Em Scarlett encontramos o que pretendia Nietzsche, que a vida e a obra devem estar interconectadas, em busca de um único sentido, que é a potencialização e o crescimento dos instintos vitais. Certamente é por isso que em seus textos e em sua vida, Scarlett vem inspirando tanta gente.

O texto que o leitor tem em mãos guarda a profundidade de um ensaio e a leveza de uma conferência. Scarlett, com o que lhe cabe oferecer, trafega entre os grandes nomes da Literatura e da Filosofia, para resgatar de cada um deles as suas inspirações. O resultado é um texto enxuto e perspicaz, que pode ser lido tanto a partir do que a palavra diz, quanto daquilo que ela esconde – e que está nas entrelinhas, no espaço em branco que preenche a folha tanto quanto a letra que ela explicita. Tal qual o silêncio é o terreno do som, aqui também o mistério é o solo que faz brotar a palavra e a ideia que ela comunica. Estamos próximos daquilo que Schopenhauer viu no artista: Scarlett parece ter ido no âmago das coisas e volta, com seu texto ainda incendiado, para comunicar suas descobertas e acender outras fogueiras. Viu um Sócrates rodeado de amigos

e morrendo com serenidade; viu o homem como adubo que encharca sempre de novo os terrenos, dando-lhe *húmus* e fertilidade; foi aos Evangelhos e trouxe o conforto que lhe é próprio; foi a Toledo e apresentou-nos o Conde de Orgaz, de El Greco, em pleno enigma; viu as formas modernas da morte em Descartes, Bacon e Pascal; foi a Nietzsche, a Freud e viu, como poucos, a banalização da morte, seu escândalo e as tentativas de prolongamento da vida implementadas no mundo contemporâneo – algo que a autora chama, adequadamente, de “idolatria da vida” e que nós teríamos de acrescentar, de uma vida sem sentido, que não aprendeu a morrer porque não aprendeu a viver em plenitude.

Ao oferecer ao leitor o texto impresso, o Instituto Ciência e Fé sobe mais um degrau em direção à compreensão do valor da interioridade e à reflexão sobre o sentido da vida, num momento em que isso aparece como um dos maiores dilemas do mundo contemporâneo, seja porque a vida parece estar valendo pouco (os números de homicídios e suicídios é alarmante, principalmente entre jovens), seja porque, na busca por um sentido, as pessoas parecem cada vez mais confusas em relação ao caminho a seguir. Para evitar esses males, não há outra opção senão prosseguir despertando mentes e corações para o grande mistério que nos cerca e que se faz, sempre novo, fonte de vida plena.

Jelson Oliveira

Professor do Programa de Pós-Graduação
em Filosofia da PUCPR

Membro do Observatório de Educação para
a Interioridade da PUCPR



Em tempos em que transformamos a morte num tabu — “melhor não falar dela, porque pode atrair!” — este ensaio, perspicaz e provocador, da pensadora Scarlett Marton, nos recorda que este acontecimento não é um mero detalhe de nossa existência. Trata-se da maior e mais definitiva ruptura. Para alguns o fim; para outros uma passagem; para outros, ainda, uma chance de recomeçar. Assunto comum às religiões, a morte não é um tema menos importante para a Filosofia, para a Literatura, para a Psicanálise, para a História, para as Ciências Naturais. Ao lado da pergunta pela origem, ela se apresenta como o mais profundo mistério humano. E frente a isso que se mostra, pelo menos por enquanto, como nosso destino irremediável, talvez tenha chegado o momento de retornarmos à sabedoria do antigos Gregos, que com seu exercício da *melete thanatou* tornavam a morte algo familiar. Depois disso então, poderemos, como Sêneca em sua carta¹², afirmar que uma vida inteira deve caber num dia: “No momento de dormir, digamos com alegria e com o semblante risonho: eu vivi”.

Fabiano Incerti
Instituto Ciência e Fé da PUCPR

9 788554 945404

ISBN 978-85-54945-40-4


PUCPRESS


PUCPR
GRUPO MARISTA

 **INSTITUTO
CIÊNCIA E
FÉ PUCPR**